

CO 1833

Velha Mania

  
Escola de Artes Visuais  
Parque Lage - Botânico - Rio de Janeiro - RJ  
Rua Jardim Botânico, 414 - Parque Lage - F. 5 - Tel: 228 4879

# Velha Mania

desenho brasileiro

agosto 1985

ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

DEPARTAMENTO DE CULTURA - SECRETARIA DE CIÊNCIA E CULTURA/FUNARJ  
GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Apoio Cultural



**NACIONAL**

O Banco que está a seu lado

*2006/2*

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage tem como sede uma imponente mansão construída na 2ª década deste século, com mais de 3.000m<sup>2</sup> e circundada por um parque de aproximadamente 625.000m<sup>2</sup>, tombados pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional após o falecimento de seus proprietários originais, o industrial Henrique Lage e sua mulher, a cantora lírica Gabriella Bezanzone Lage.

Funcionando no local desde 1975, época de sua criação, a Escola de Artes Visuais nos seus últimos doze meses tem procurado promover eventos que possibilitem uma ampla divulgação da produção artística contemporânea brasileira. A exposição "Como vai você, Geração 80?", realizada há exatamente um ano, foi o ponto de partida dessa nova filosofia; sua importância e seus reflexos são por todos conhecidos. Não cabe, nesse momento, repeti-los. Registre-se, somente, o fato de que é inegável, hoje, o vigor criativo da arte brasileira: vive-se num ritmo intenso de trabalho e a exposição tem parcela ponderável nesse êxito. Ela ampliou o campo das discussões, democratizando temas antes restritos a um pequeno grupo de pessoas.

"Pau, Pedra, Fibra, Metal" foi realizada durante o mês de outubro do ano passado e apresentou a produção,

durante aquele ano, de 143 artistas residente no Rio: colocou-se de novo em cena uma técnica tradicional na história da arte brasileira, em especial nas décadas 50 e 60 e que, nos anos 80, voltara a despertar o interesse de diversos produtores artísticos. Esse verdadeiro "festival" da gravura (xilo, lito, serigrafia e metal) justificou-se numa instituição cujas bases de trabalho voltam-se para a sensibilização do olhar, sem imposição de vertentes, optando pelo pluralismo.

Nas vésperas do Natal, a festa reapareceu no projeto "Segmentos de Muro", através da dedicação de 70 artistas que produziram um enorme painel de 350 metros lineares; a arte — bela enfurecida — recusava os limites da escola, libertava-se das paredes internas, corria pelo parque e escorria pelos seus muros externos, fazendo-se vista por todos. Cidade trágica, sem museus que permitam o abrigo e a discussão da arte; cidade feliz que faz de suas ruas o espaço da arte.

Em março, já este ano, o sol continua a brilhar sobre as águas que desabam feito música, e a cidade se banha e se contempla. "Rio Narciso" reuniu 35 artistas convidados por todo o Brasil para que trabalhassem o Rio de Janeiro como tema. Cantar a cidade despreza o provincianismo. Cantar a cidade é saudar a vida e abraçar o corpo, é se saber inteiro, intenção e gesto de um povo que se reencontra,

*arte que se contempla, beleza e fúria.*

*“E la nave va”, agora protegida por um toldo (antigas caravelas, metais e estruturas de viagens interplanetárias) que não esconde o sol, mas protege o solo, embalados nos finais de semana pelos sons; de diversos ritmos, “Festa na Floresta”, ao lado de mais de 3.000 jovens que, em média, visitam a EAV nas noites de sexta e sábado. Entre eles, diversos alunos que, de segunda a sexta, trabalham com seus professores em ateliês mais dignos, alguns totalmente reequipados, instalações limpas que permitiram a quase triplicação do número de alunos de 1982 até agora.*

*“Velha Mania” insere-se nesse clima mágico, festa e trabalho, como uma iniciativa que visa a apresentar um amplo panorama do desenho brasileiro. Recorro aos arquivos. “Para pessoas da nossa geração, filhotes do autoritarismo, o desenho é a história do nosso caminho. Enquanto o país explodia nos campos, quartéis, fábricas e universidades, a criança descobria o mundo através dos desenhos animados da televisão e das histórias em quadrinhos. Adolescente, o sexo se insinua delirante pelas nádegas, vaginas, falos, no heróico traço de Carlos Zéfiro. O desenho é o nosso sinal de troca e mantém acesa a chama da esperança de um dia poder vir a ocupar galerias, salões, museus e todas as praças de apoteose que haveriam*

*e haverão de ser construídas por uma geração abraçada à ansia de ser feliz. “A arte, guerrilheira nos anos 70, encontrou no desenho a sua arma mais poderosa. Hoje, meio de década, início de novos tempos, é importante, mais que tudo, o convívio com a diversidade. A idéia de festa e prazer não elimina o íntimo, o trabalhoso. O corpo, aberto, da arte, nas ruas, necessita da proteção da casa. Se angústia excessiva leva à improdutividade, festa demais pode virar tragédia. Gritar e sussurar são partes da mesma garganta.*

*Nesse longo texto introdutório, registro a contribuição da Secretaria de Ciência e Cultura do Rio de Janeiro e da Funarj que, mesmo diante das dificuldades causadas por administrações passadas pouco interessadas no processo cultural, sempre prestaram todo o apoio às atividades da EAV e a honrosa presença de uma instituição tradicional como o Banco Nacional, que rapidamente aquiesceu ao nosso convite para se integrar nesse trabalho: essa visão empresarial é fundamental para o desenvolvimento das atividades artísticas em nosso país. Agradeço, em especial, à dedicação e ao senso profissional dos artistas integrantes de “Velha Mania”. Graças a eles, a chama da arte mantém-se acesa. Atenta e forte.*

**Marcus de Lontra Costa**  
diretor da EAV

# DESENHO, DESÍGNIO

Roberto Pontual

1. Mais que mania. Energia.
2. Na origem, o Verbo era o desenho. O desenho é o Verbo. Porta de saída do Nada. O elo entre a sombra e a luz. O "sou" e a sua voz. Balbucio.
3. Tudo é basicamente desenho. O desenho está na fonte dos seres e das coisas. Matriz da vida, articulação primeira, projeto em marcha: esse destinar-se a ser. Fundadora redução ao mais simples, essência de que nada se exige. Da informe nebulosa traçou-se no céu o doce desenho arredondado do nosso planeta. Todo átomo tem o seu contorno. Como pode deixar de ser substancialmente desenho a gota d'água que se isola da torrente? Minha emoção é um desenho guardado em mim, o filme que ficou dentro da máquina à espera de ser revelado. Tirar o véu: eis o desenho.
4. O ponto, o traço, a linha, a mancha, a forma. O pouco a pouco até que surja o Corpo. Entre idas e vindas, erros e acertos (tentativa que nunca

se encerra), esse corpo sempre aparece um dia. É o nosso desígnio. Delineando-se contra o Grande Vazio que lhe resiste por trás, um corpo novo prodiga à Idéia seu primeiro instante de existência plena. A partir dali — berço-desenho — ela já não pode evaporar-se de todo, está presa nas malhas do mundo, seguirá necessariamente uma trajetória, concreta e palpável. O desenho deu-lhe sopra e edifício.

5. É o desenho que pare o mundo. O que é que se sente quando se chega perto de um desenho? O frescor, a inocência e o tremor das coisas recém-nascidas.
6. Agora mesmo, diante do que resta de branco nesta folha de papel, eu vou desenhando letra a letra a minha esperança de poder dizer o que é o desenho. Cada letra — sensação vertiginosa — me põe em suspenso na ponte entre o dentro e o fora de mim, entre o que penso e o que anoto aqui. Suspenso na expectativa de chegar a essa palavra-corpo que seja precisa e transparente como

um cristal. Que vá direto ao alvo. E o alvo é tal qual o de quem desenha com os apetrechos do que chamamos de fato desenho: dar limite, cor e textura aos luxos da imaginação. Dar-lhe o nome devido.

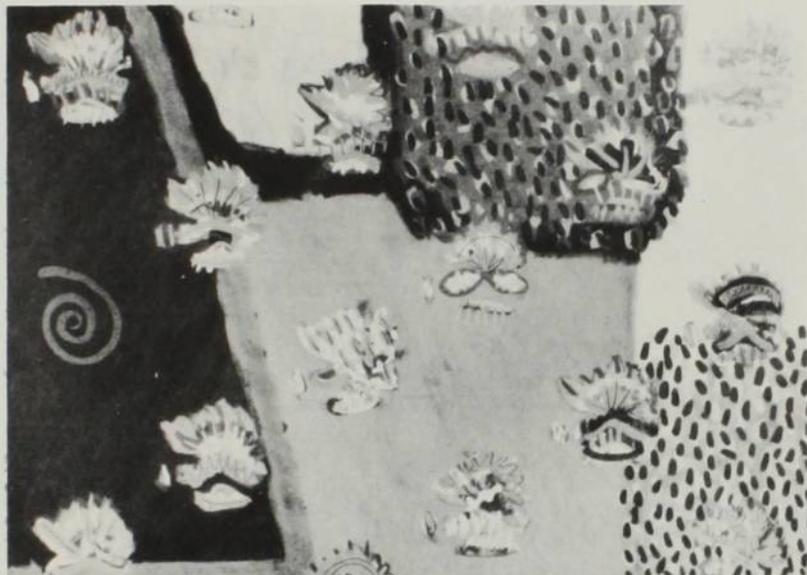
7. A mania do desenho é, portanto, antiga e geral. Mas parece que ela sofre também seus momentos de recesso, seus altos e baixos na maneira de exercer-se em público. Veja-se o que veio acontecendo de uns cinco ou seis anos para cá: uma mania paralela tomou-lhe a frente e não se tem falado de outra coisa senão de pintura. A Geração 80 se apresenta por toda a parte essencialmente como pintora. Quer o vasto gesto colorido, a voz altissonante, o estrépito da exibição de força, o “cheguei” e não o “estou chegando”. Com ela, o prazer pede passagem e glória, depois de muito tempo no escuro da cadeia. E esse prazer de novo possível (mesmo que as utopias tenham sumido do horizonte) precisa das tintas em penca, da convivência cacofônica de estilos e das luzes todas acesas no palco para ser gozado na sua inteira extensão. Precisa do *quadrão*, enfim. Coisa que o desenho, irmão do silêncio e da intimidade, não

pode oferecer-lhe.

8. (Mas, cuidado: esquecer que o desenho a tudo precede é muito perigoso. Um dia, mais cedo ou mais tarde, ele rompe a mordça e reimpõe a sua eminência.)
  
9. Entre nós, teríamos que voltar mais de 10 anos atrás para rever o desenho posto no alto do pódio. Era a época quente do esfriamento conceitual, época do trânsito livre de um experimentalismo para o qual a miragem do novo-sempre-mais-novo ainda aparecia como verdade. Nesse momento, o desenho cortou o nosso ar com uma força inaudita: a geração de meados da década de 70 foi amplamente desenhista. Faca de dois gumes, o desenho de então tanto servia a acentuar o congelamento da emoção, com os seus modos de projeto ou de *ersatz* fotográfico (a voga hiper-realista), quanto a promover o degelo através da abertura para a sugestão, a música de fundo e a ambivalência, que lhe é tão inerente. Essa vida dupla do desenho brasileiro, balizada pela repressão e o “milagre”, foi a coqueluche das nossas artes plásticas entre 1974 e 1976, sob o impulso

do triângulo Minas/Rio/São Paulo. Depois, houve um vazio, uma espécie de hiato, de que emergiu mais forte a pintura. A anistia pedia que saíssemos todos gritando por aí a nossa raiva e o nosso êxtase. Era a hora de pintar todos os 7. Desenho não é de festa.

10. E essa impressão de que o desenho está podendo voltar a ser mania — mania que se curte nos cantos resguardados da casa — não seria ela reflexo de uma nova onda a entrar na nossa frequência? Uma onda que teria mais a ver com sedimento do que com rebuliço mais com reconciliação do que com revolta, que seria mais de prancheta do que de palanque. Afinal, Tancredo acaba de passar por aqui. Como bom mineiro, ele veio ruminando seu plano, seu projeto — seu *desenho*. E a verdade é que, quando a passeata desemboca em assembléia, o desenho de roupa nova para a nação se torna a coisa mais urgente de todas. Desenhar nos é agora, como nunca, preciso. Artigo primeiro: desenhe-se.
  
11. Velha, valorosa e regeneradora mania.



Alfredo Nicolaiewsky, Porto Alegre, RS  
técnica mista, 1985 — 70 x 100cm



Amador Perez, Rio de Janeiro, RJ  
grafite e lápis de cor, 1984 — 16 x 8cm

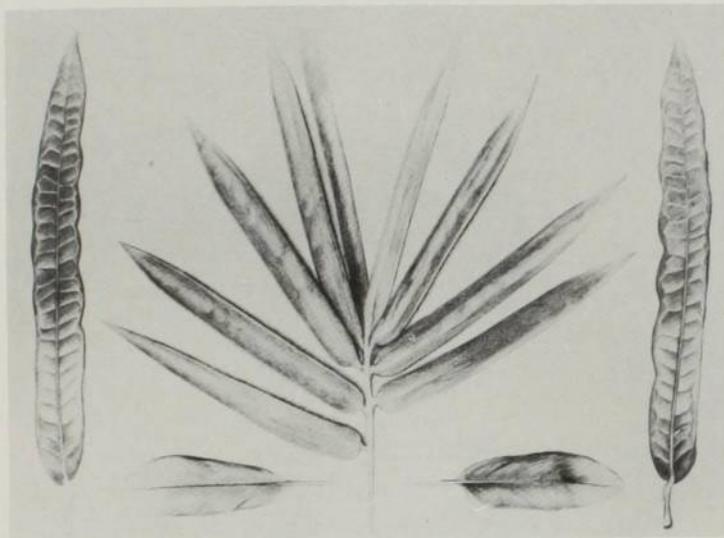


Amilcar de Castro, Belo Horizonte, MG  
nanquim s/papel, 1983

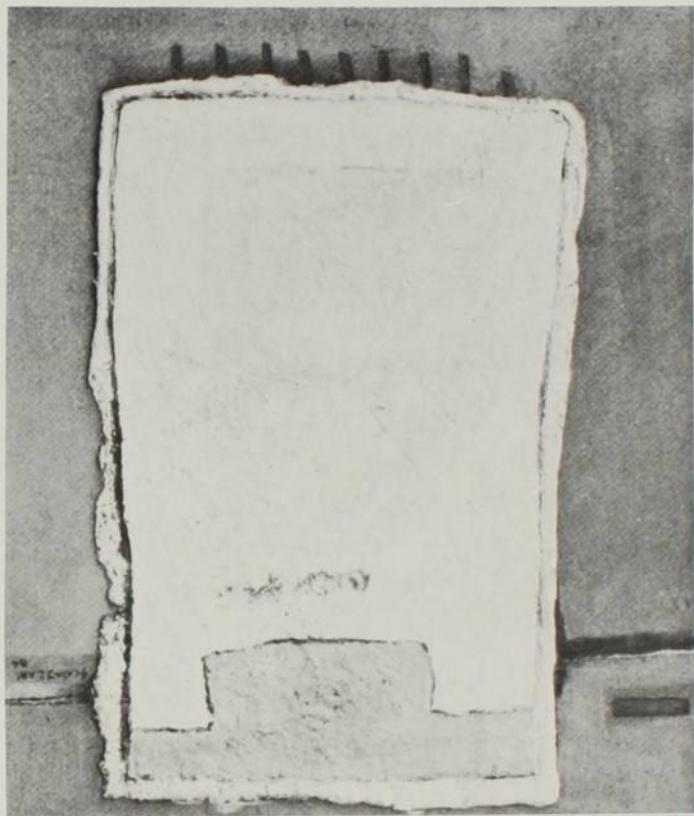


Ana Horta, Belo Horizonte, MG  
pastel e grafite s/ papel, 1985

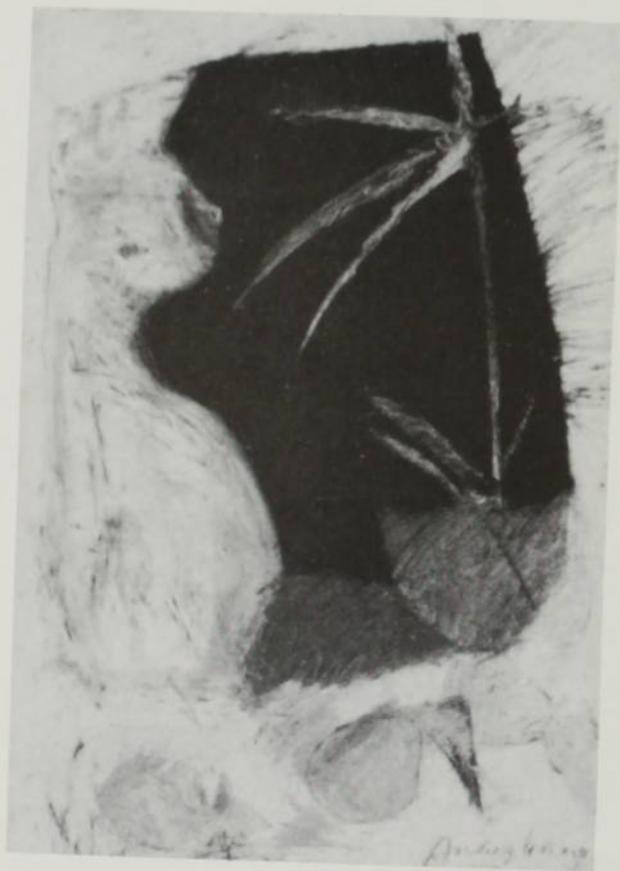
foto Israel Abrantes



Analucia Barros Coelho, Rio de Janeiro, RJ  
lápiz de cor s/papel, 1985



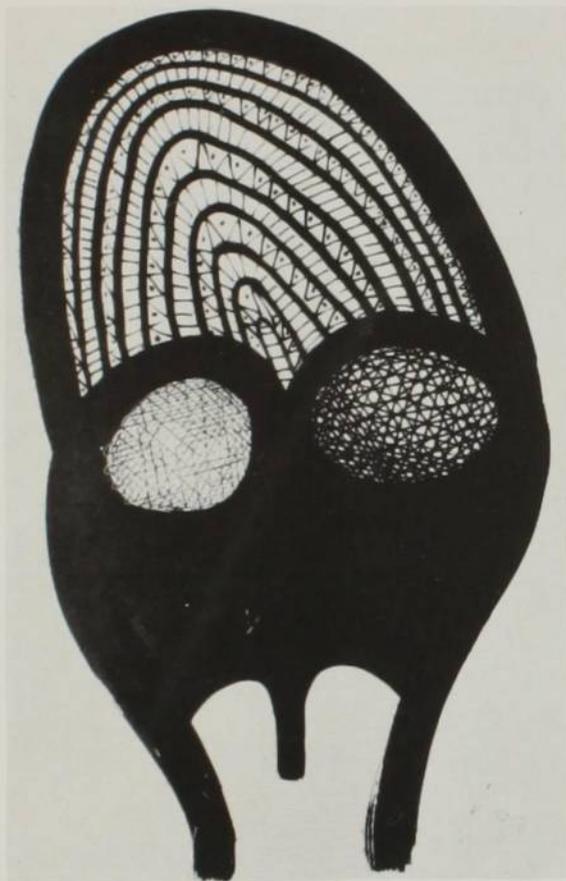
André Scalazari, Rio de Janeiro, RJ  
sem título 43 – pigmento s/papel reciclado



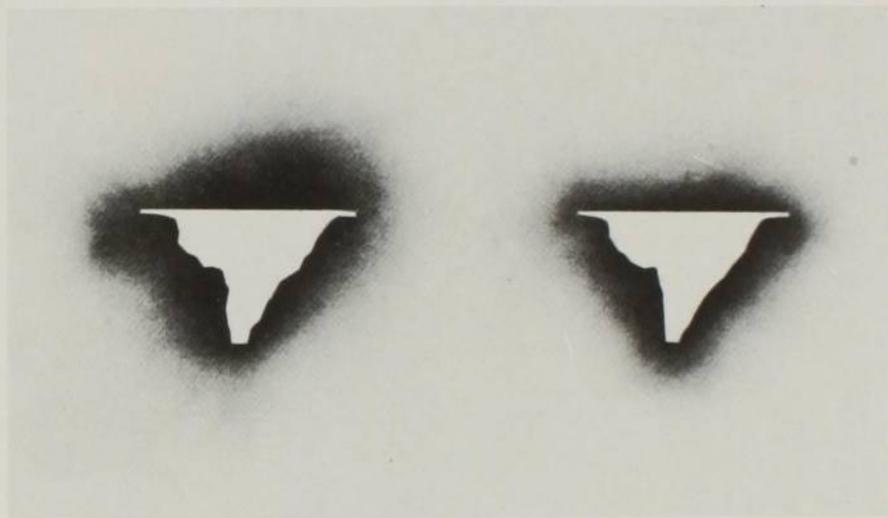
Andrea Lanna, Belo Horizonte, MG  
pastel s/papel, 1985



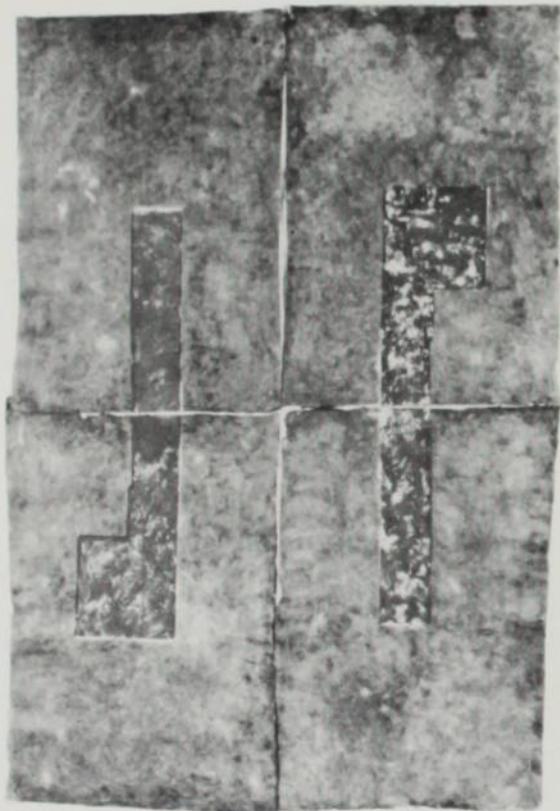
Angelo de Aquino, Rio de Janeiro, RJ  
aquarela s/ papel, 1985



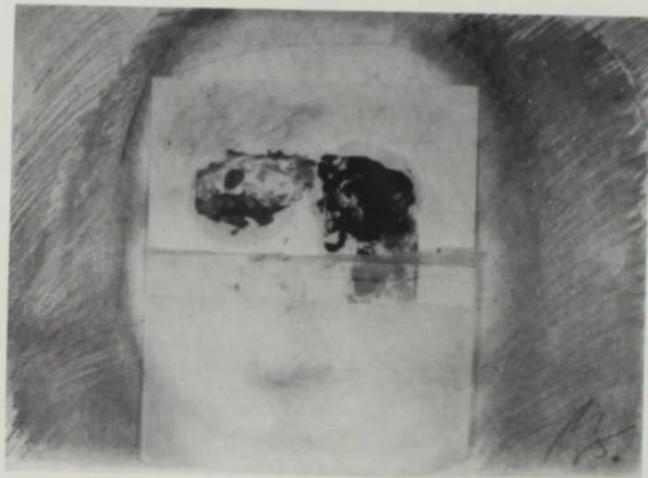
Angelo Marzano, Niterói, RJ  
Cadeira de não sentar — nanquim s/papel, 1984  
70 x 50cm



Anna Bella Geiger, Rio de Janeiro, RJ  
técnica mista s/papel, 1985



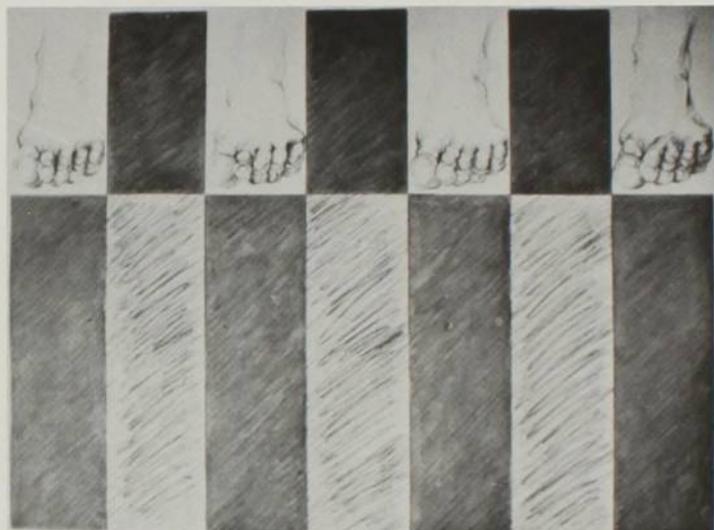
Antonio Dias, Milão, Itália  
Factories' Future – grafite s/papel, 1983  
160 x 110cm – coleção Fernando Sarmiento, Milão



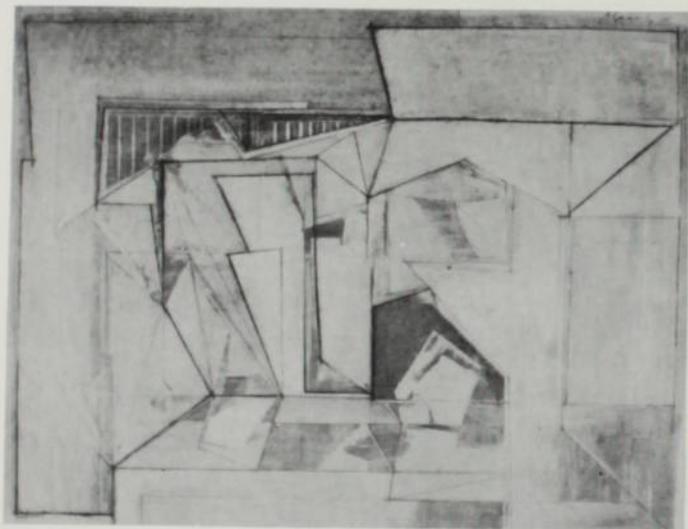
Arlindo Daibert, Juiz de Fora, MG  
grafite, lápis de cor e colagem s/papel, 1985  
70 x 120cm



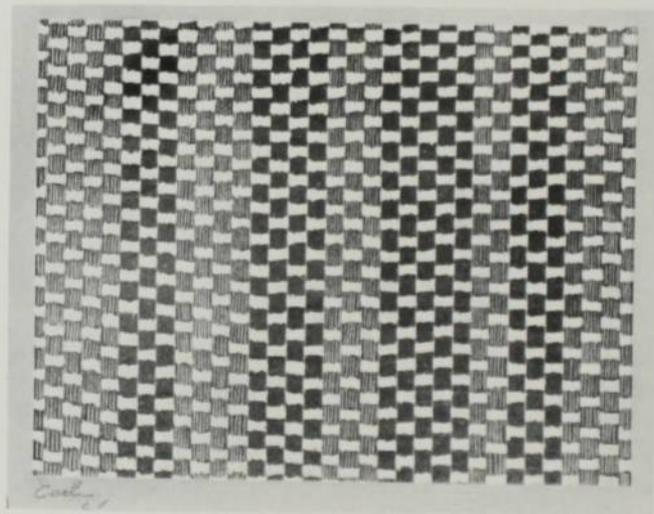
Armando Matos, Rio de Janeiro, RJ  
guache s/papel, 1985



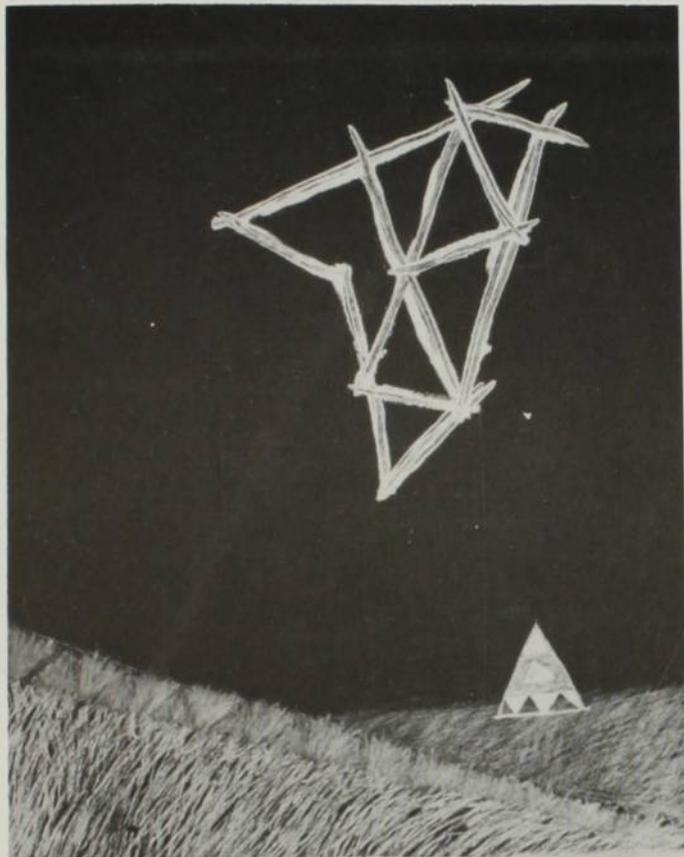
Astréa El-Jaick, Rio de Janeiro, RJ  
lápiz conte e ecoline s/papel, 1985  
da série Caminhantes, 56 x 76cm



Bernardo Krasniansky, São Paulo, SP  
grafite, carvão, tinta acrílica e fotocopia a seco s/papel, 1985  
da série Mesas/Geometrias, 80 x 100cm



Carli Portella, Rio de Janeiro, RJ  
técnica mista, 1985



Carlos Wladimirsky, Porto Alegre, RS  
Projeto para um homem, 1985  
técnica mista s/papel



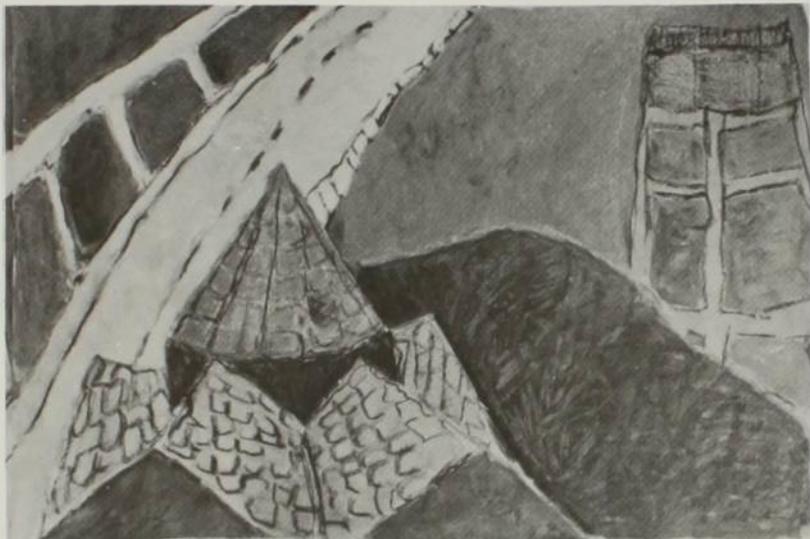
Cildo Meireles, Rio de Janeiro, RJ  
pastel e nanquim s/papel, 1977  
70 x 50cm — coleção Luiz Buarque de Holanda



Claudio Kuperman, Rio de Janeiro, RJ  
guache s/papel, 1985



Claudio Paiva, Rio de Janeiro, RJ  
lápis de cor, caneta e colagem s/agenda, 1985



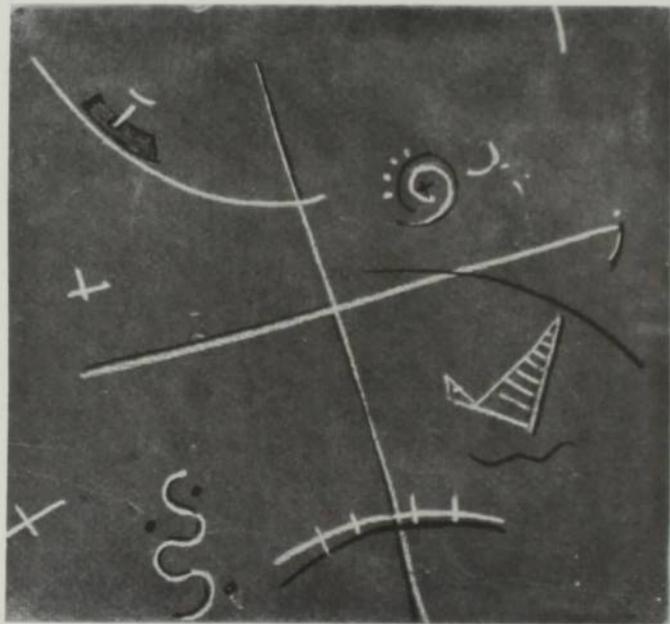
Cristina Canale, Rio de Janeiro, RJ  
guache e pastel s/papel, 1985  
80 x 120cm



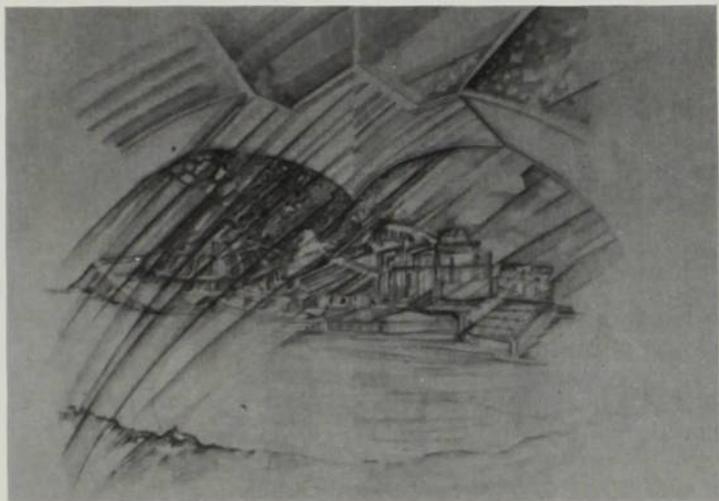
Cristina Salgado, Rio de Janeiro, RJ  
nanquim s/papel, 1984



Darel Valença Lins, Rio de Janeiro, RJ  
técnica mista s/papel, 1985



Denise Porto, Rio de Janeiro, RJ  
pastel s/papel, 1984  
20 x 20cm



Denise Weller, Rio de Janeiro, RJ  
aquarela s/papel, 1985  
da série Janelas Abertas

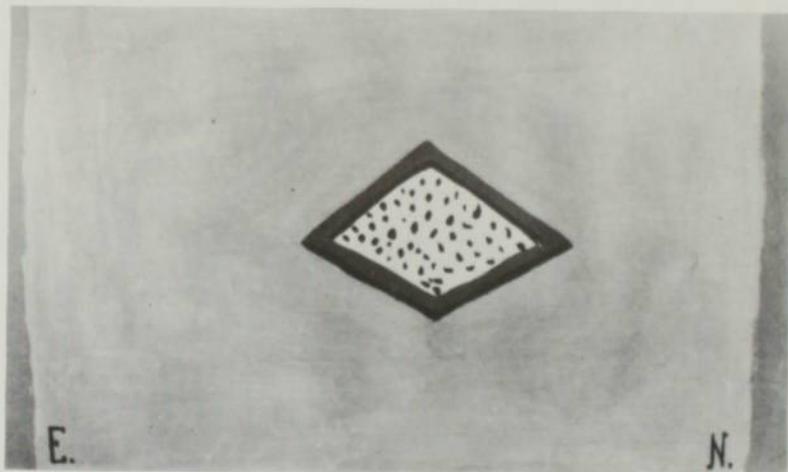


Eduardo Motta, Belo Horizonte, MG  
nanquim s/papel, 1985



foto Nilton Montenegro

Elizabeth Jobim, Rio de Janeiro, RJ  
paint stick s/papel, 1983  
70 x 100cm



Emmanuel Nassar, Belém, PA  
Verde e Amarela, 1985  
guache s/papel — 50 x 65cm

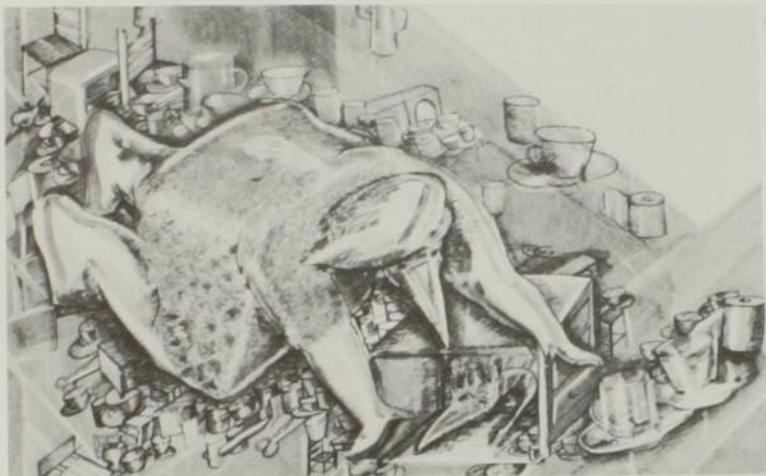
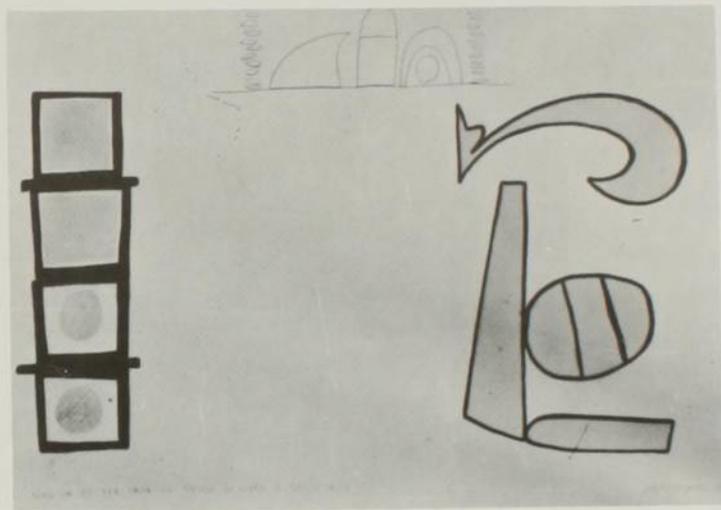
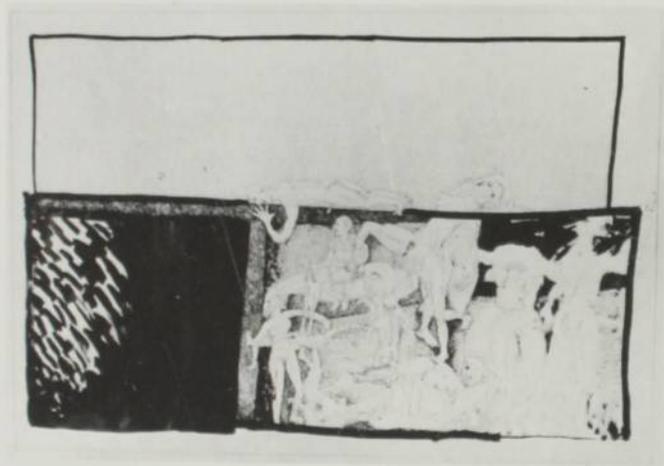


foto Marcio Scatrut

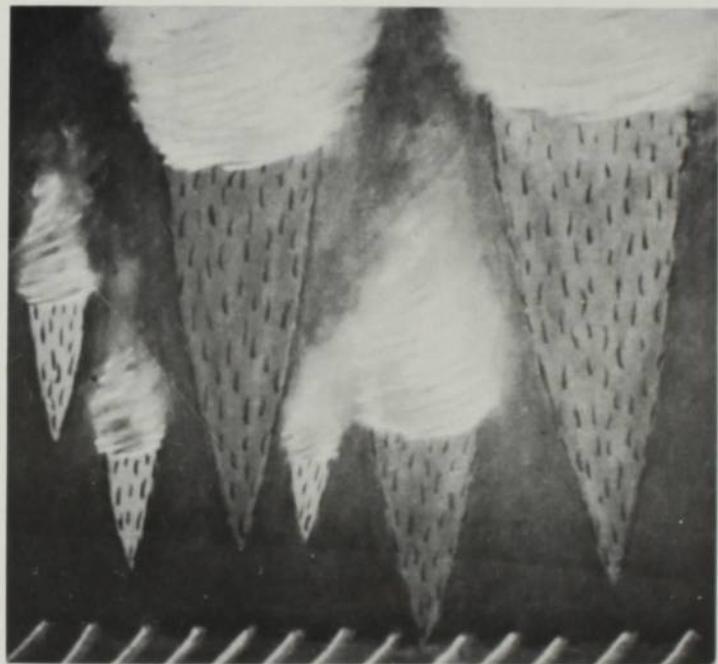
Estela Sandrini, Curitiba, PR  
técnica mista, 1985



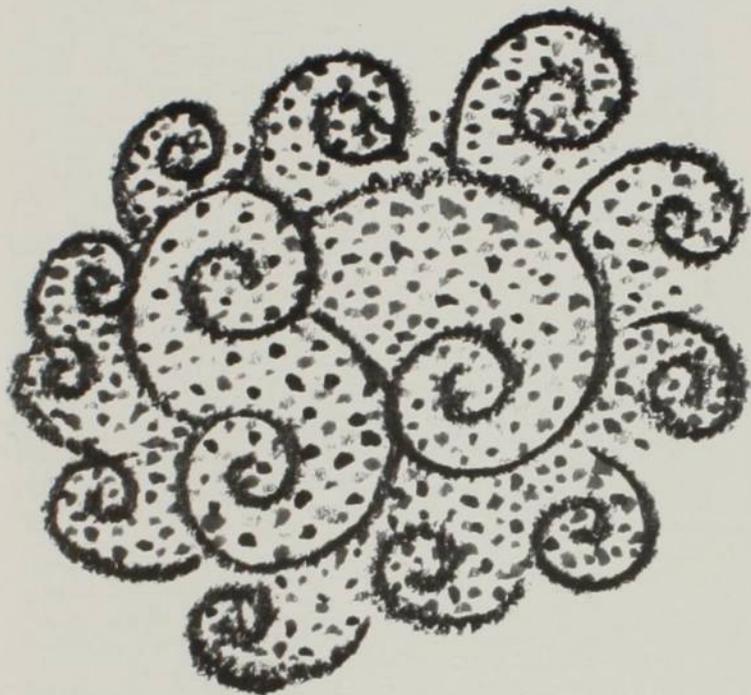
Ester Grinspum, São Paulo, SP  
onde eu era havia um círculo desenhado a lápis - vazio  
lápis e aquarela s/papel, 1985 — 50 x 70cm



Evandro Salles, Brasília, DF  
nanquim s/papel, 1985



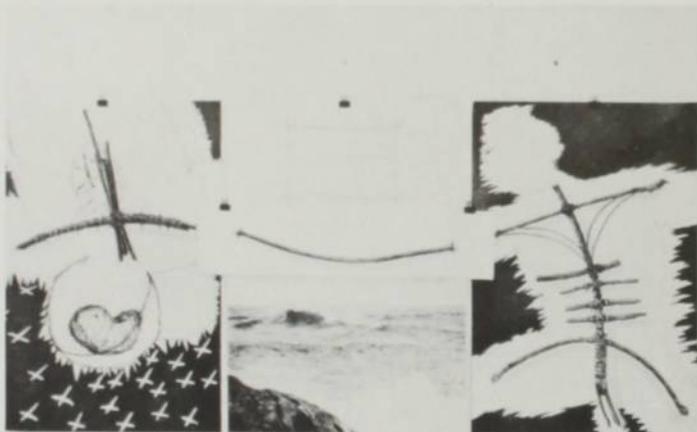
Fernando Limberger, Porto Alegre, RS  
Nova Diversão — pastel s/papel, 1983  
70 x 70cm



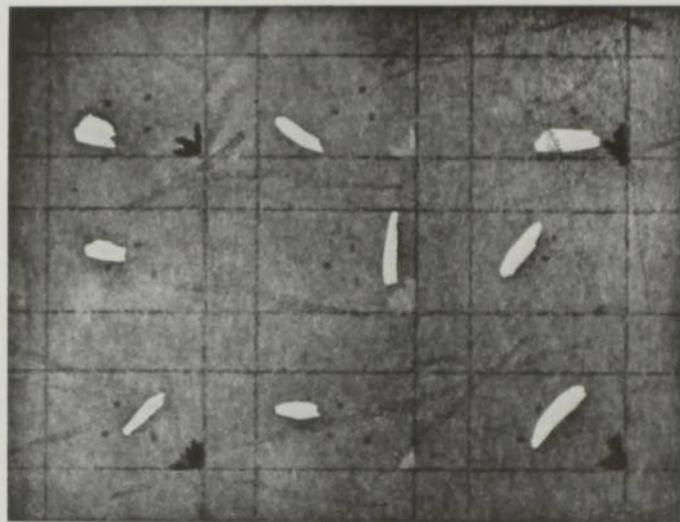
Fernando Lopes, Rio de Janeiro, RJ  
grafite e guache s/papel, 1985  
20 x 20cm



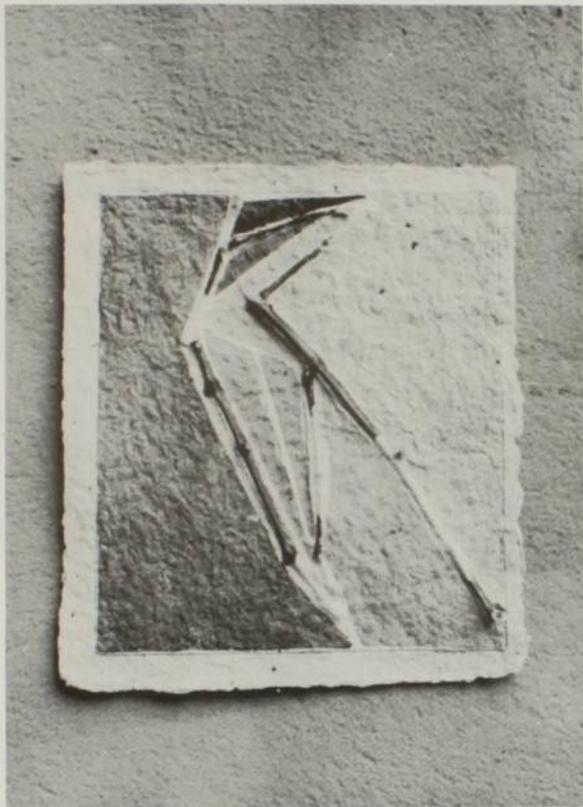
Florival Oliveira, Salvador, BA  
lápiz e guache s/papel, 1985



Francisco Faria, São Paulo, SP  
da série Outubro – grafite s/papel, 1985  
110 x 210cm



Gerardo Vilaseca, Rio de Janeiro, RJ  
lápiz e acrílico s/papel, 1980  
137 x 273cm



Gilma Carvalhaes, Rio de Janeiro, RJ  
aquarela s/papel artesanal, 1985



Glaucia Pereira, Belo Horizonte, MG  
carvão e pastel s/papel, 1984  
66 x 82,5cm



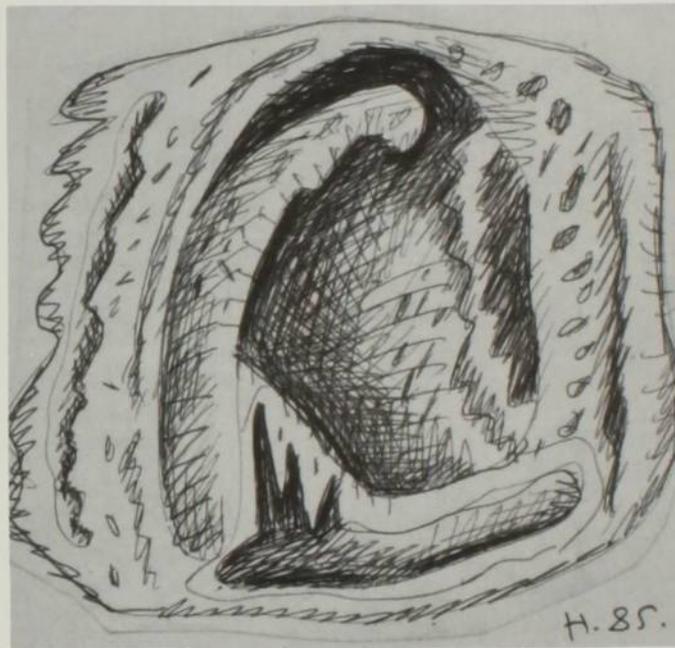
Gonçalo Ivo, Rio de Janeiro, RJ.  
aquarela s/papel, 1985  
10.5 x 11cm



Gregório, São Paulo, SP  
pastel s/papel, 1983



Hildebrando de Castro, Rio de Janeiro, RJ  
técnica mista s/papel, 1985



Hubert, Rio de Janeiro, RJ  
lápiz s/papel, 1985  
11 x 10cm



Igor Marques, Rio de Janeiro, RJ  
grafite s/papel, 1985  
16 x 16cm



foto Wilton Montenegro

Inês de Araujo, Rio de Janeiro, RJ  
pastel s/papel, 1985  
70 x 100cm

foto Israel Abrantes



Isaura Pena, Belo Horizonte, MG  
nanquim s/papel, 1985



Jadir Freire, Rio de Janeiro, RJ  
aquarela s/papel, 1985



Jair Jacqmont Cantanhede, Manaus, AM  
Minha paisagem — aquarela, guache e pastel s/papel, 1985



Jeanete Musatti, São Paulo, SP  
da série Máscaras — pastel s/papel, 1984  
26 x 35.5cm



Joaquim Cunha, Rio de Janeiro, RJ  
nanquim s/papel, 1985



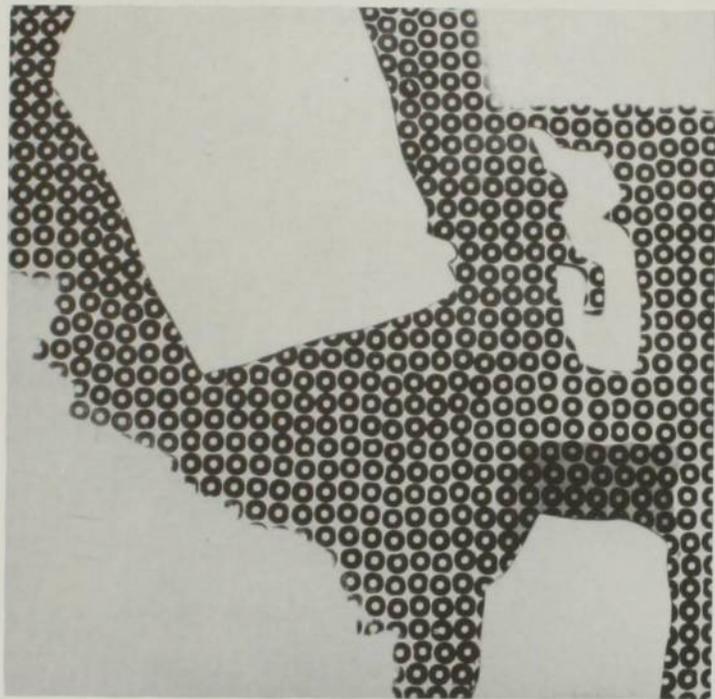
John Nicholson, Rio de Janeiro, RJ  
pastel s/papel, 1985



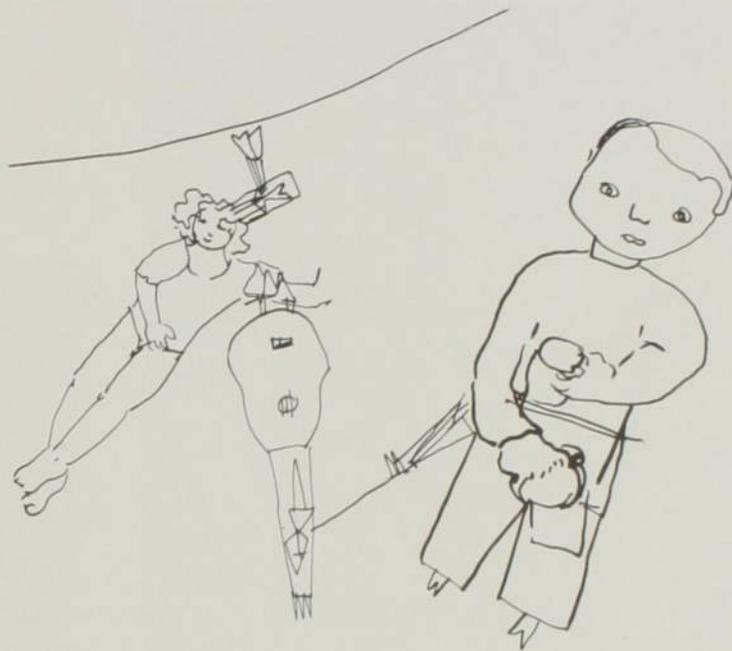
Jorge de Salles, Rio de Janeiro, RJ  
aquarela s/papel, 1985



José Alberto Nemer, Belo Horizonte, MG  
da série Ilusões Cotidianas — aquarela s/papel, 1985



José Lima, Rio de Janeiro, RJ  
colagem, 1985  
50 x 50cm



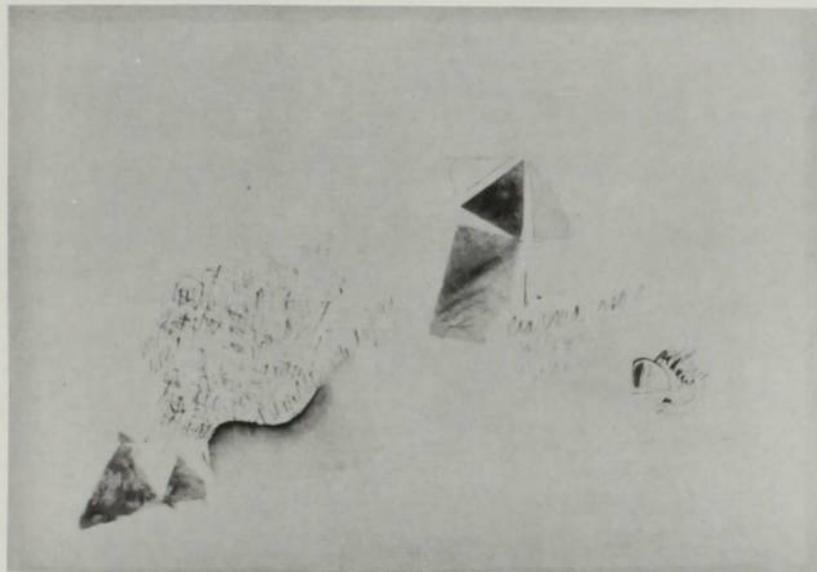
Ju Barros, Rio de Janeiro, RJ  
bico de pena s/papel, 1985



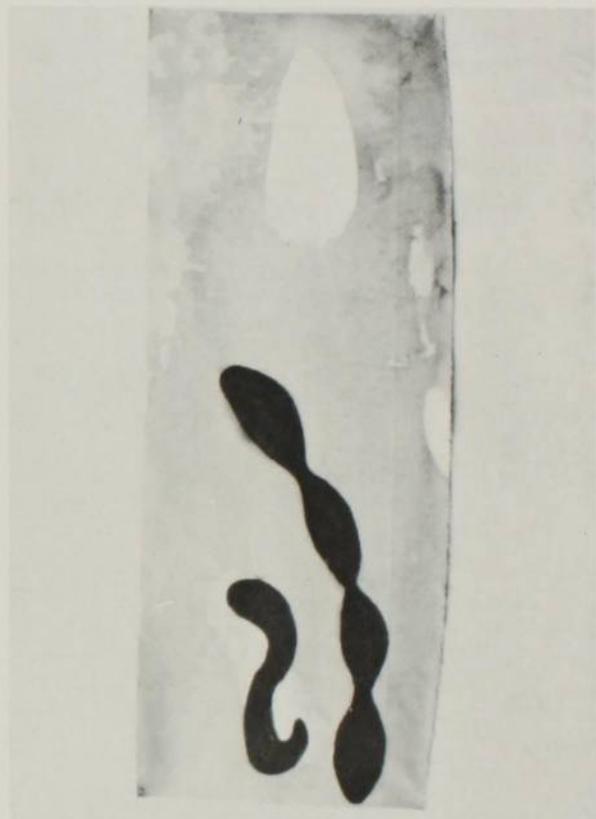
Juraci Dórea, Feira de Santana, BA  
da série Histórias do Sertão  
grafite e lápis de cor s/papel, 1985



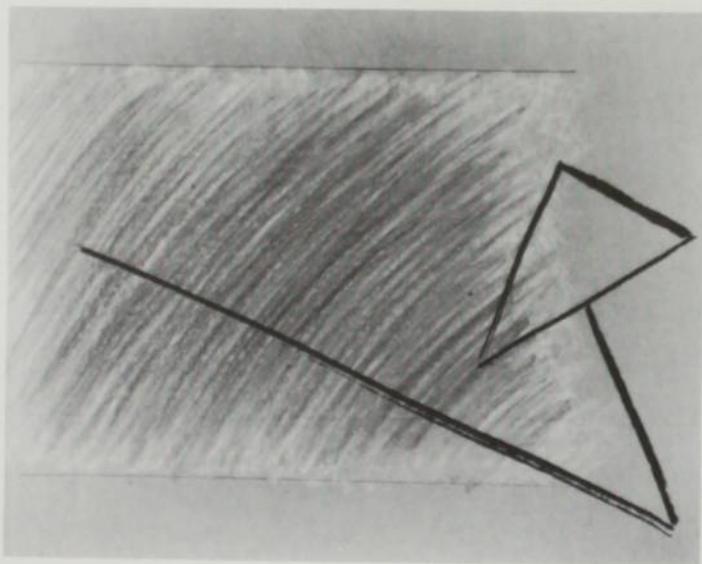
Justino Marinho, Salvador, BA  
pastel e aquarela s/papel, 1985



Lena Bergstein, Rio de Janeiro, RJ  
pastel e lápis de cor s/papel, 1985



Leonilson, São Paulo, SP  
técnica mista, 1985



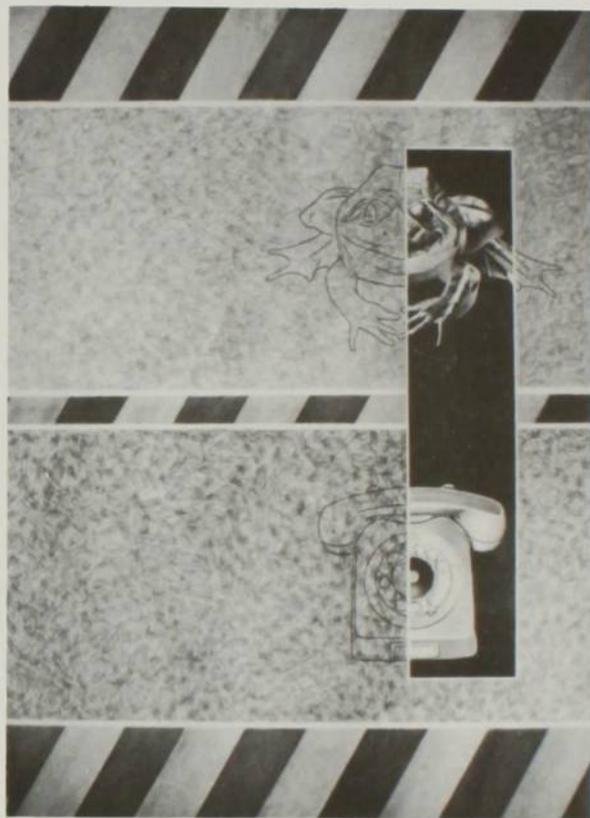
Lucia Beatriz, Rio de Janeiro, RJ  
pastel e grafite s/papel, 1985



Luiz Antonio Norões, Rio de Janeiro, RJ  
aquarela s/papel, 1985



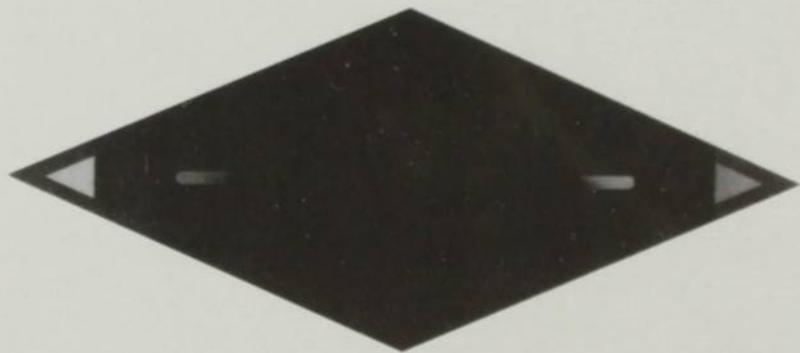
Luiz Áquila, Rio de Janeiro, RJ  
bico de pena s/papel, 1985



Luiz Ernesto Moraes, Rio de Janeiro, RJ  
grafite s/papel, 1985



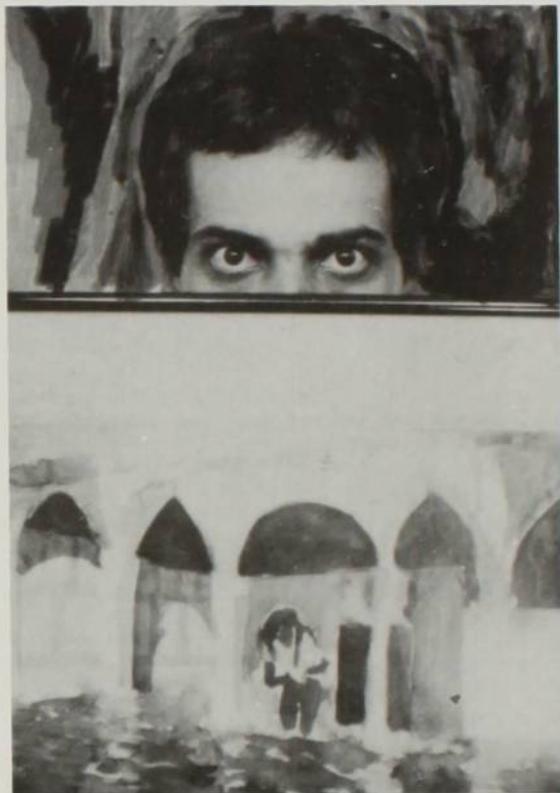
Luiz Paulo Baravelli, São Paulo, SP  
técnica mista s/papel, 1985



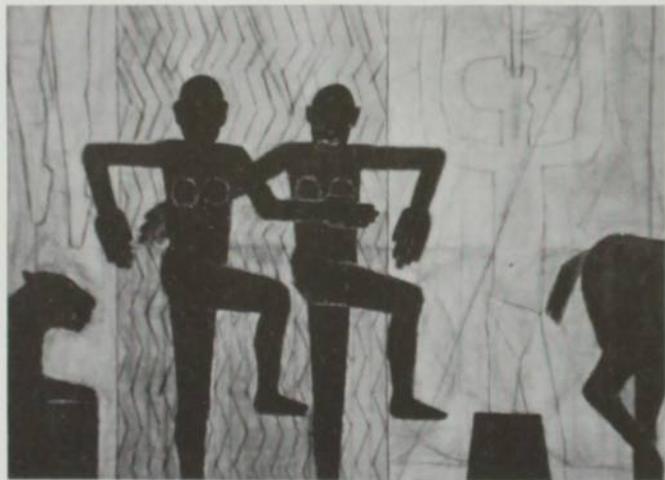
Luiz Sergio de Oliveira, Niterói, RJ  
pastel, grafite e vinil s/papel, 1985  
50 x 110cm



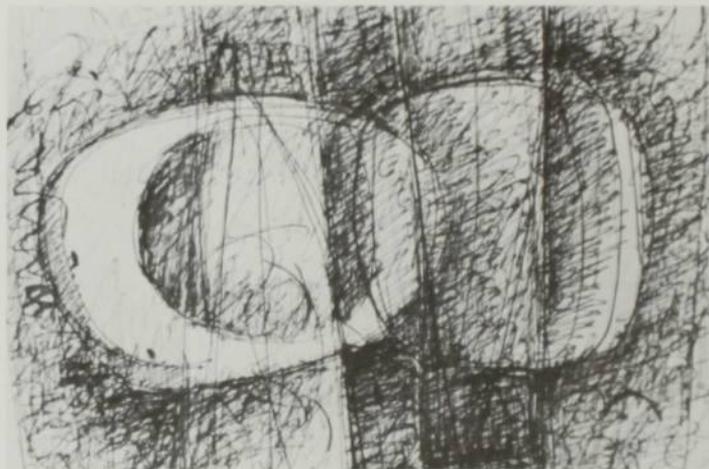
Luiz Trimano, Rio de Janeiro, RJ  
da série Musicos — guache s/papel, 1984  
70 x 90cm



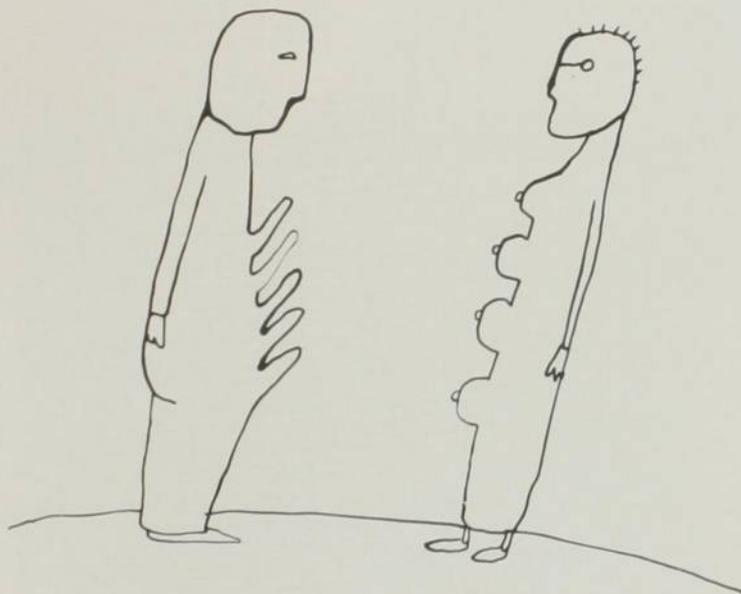
Luiz Zerbini, Rio de Janeiro, RJ  
aquarela s/papel, 1985



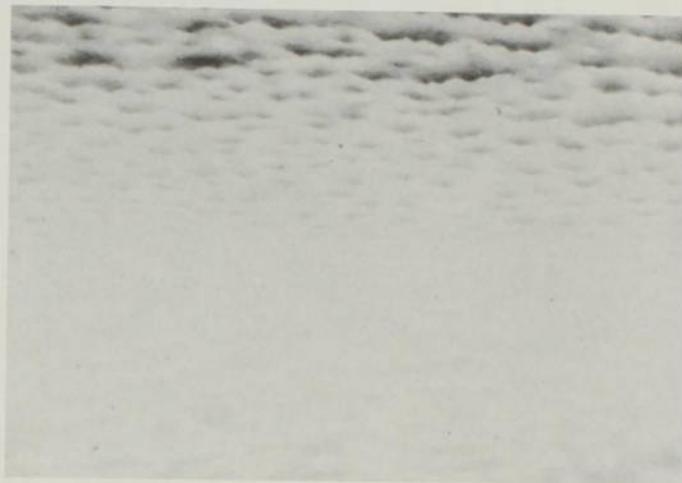
Manoel Fernandes, Rio de Janeiro, RJ  
Gêmeas africanas — carvão s/papel, 1985  
145 x 180cm



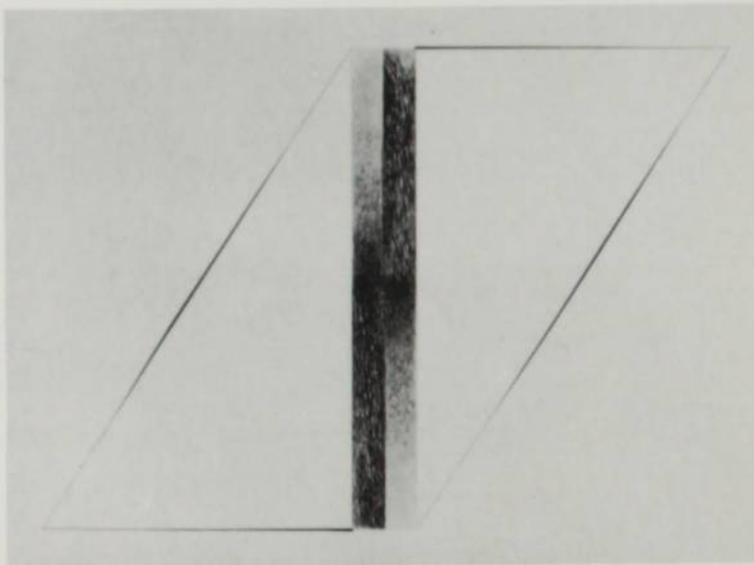
Marco Tulio Resende, Belo Horizonte, MG  
nanquim colorido s/papel, 1985



Marcos Coelho Benjamim, Belo Horizonte, MG  
nanquim s/papel, 1983



Marcus Duprat, Brasília, DF  
aquarela s/papel, 1984



Maria do Carmo Secco, Belo Horizonte, MG  
lápiz de cor e nanquim s/papel, 1984  
70 x 100cm



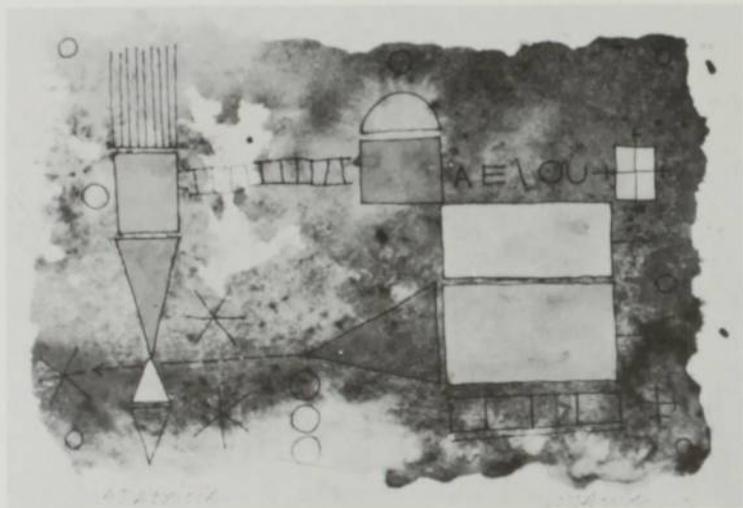
Maria Luiza Saddi, Rio de Janeiro, RJ  
Riscos da paisagem – lápiz de cor e cera s/papel, 1985  
70 x 100cm



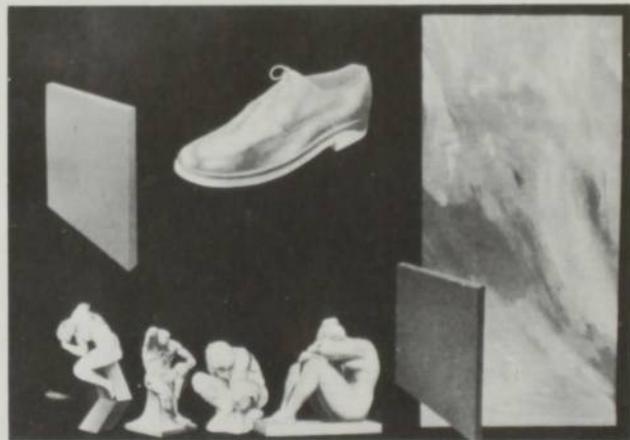
Maria Luiza Serra de Castro, Rio de Janeiro, RJ  
pastel s/papel, 1984



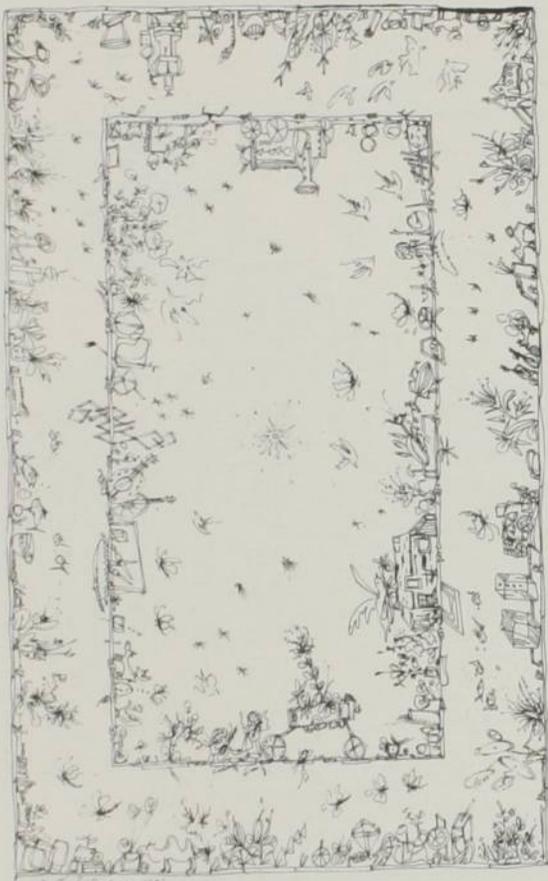
Maria Tomazelli Cirne Lima, Porto Alegre, RS  
lápiz de cor s/papel, 1985  
100 x 300cm



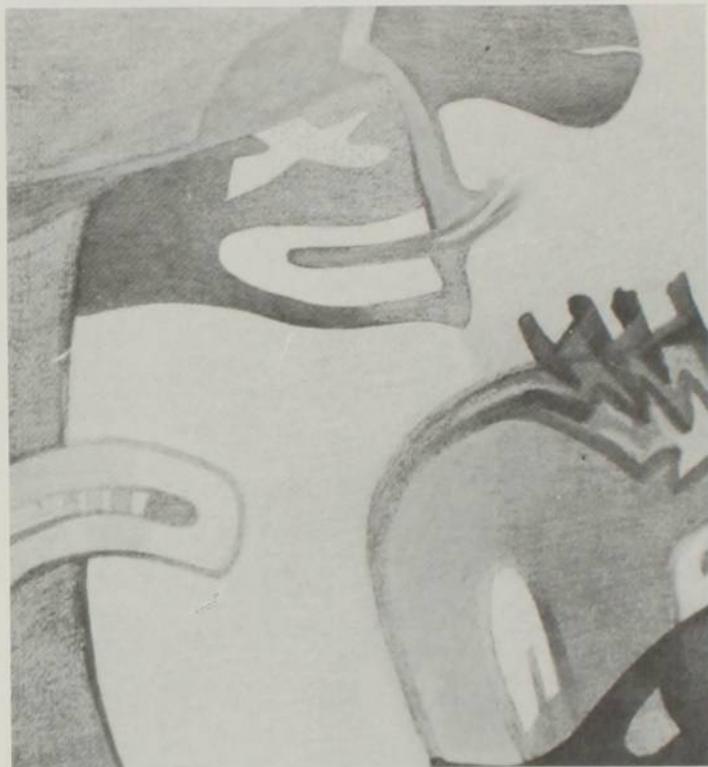
Mario Azevedo, Rio de Janeiro, RJ  
Capadócia — nanquim e aquarela s/papel, 1984



Mario Rohnelt, Porto Alegre, RS  
grafite e acrílico s/papel, 1985  
70 x 100cm



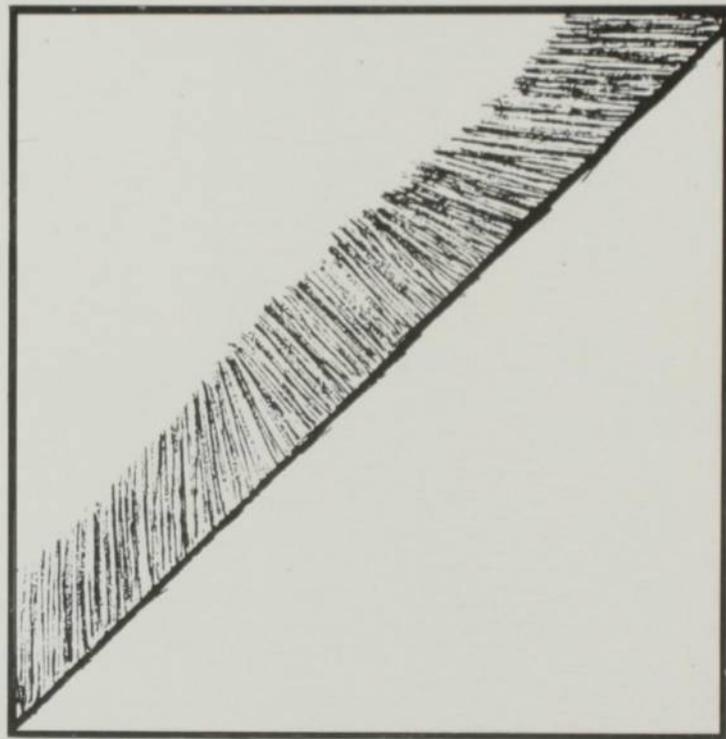
Martha Pires Ferreira, Rio de Janeiro, RJ  
lápis de cor s/papel, 1984



Maruja Cachay, Rio de Janeiro, RJ  
pastel oleoso s/papel, 1985  
34 x 33cm



Mauricio Arraes, Rio de Janeiro, RJ  
aquarela s/papel, 1985



Mauro Kleiman, Rio de Janeiro, RJ  
lápiz cera s/papel, 1983  
90 x 90cm



Milton Kurtz, Porto Alegre, RS  
Radio — grafite e acrílico s/lona, 1985  
77 x 210cm



Milton Machado, Rio de Janeiro, RJ  
Cheiro da Corte — nanquim, carimbos e aquarela s/papel, 1976  
30 x 35cm

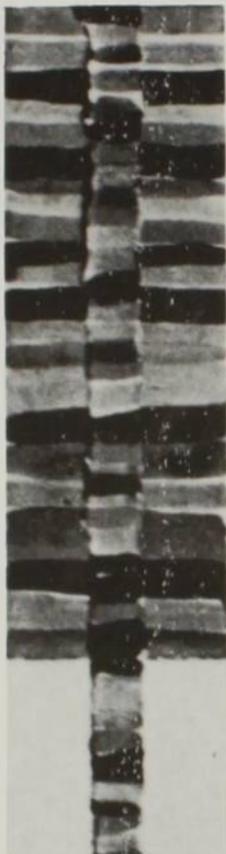


Mollica, Rio de Janeiro, RJ  
aquarela s/papel, 1985  
28 x 38cm



Monica Sartori, Belo Horizonte, MG  
grafite s/papel, 1985

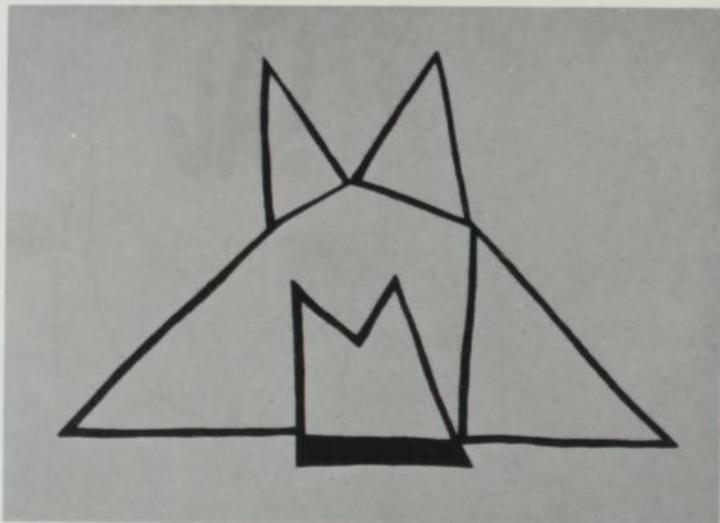
foto Israel Abrantes



Nelson Augusto, Rio de Janeiro, RJ  
acrílico s/papel, 1982  
70 x 50cm



Nelson Félix, Rio de Janeiro, RJ  
La Cordillera com Vulcão — grafite, pastel, folha de ouro  
e acrílico, 1984 — 112 x 78cm



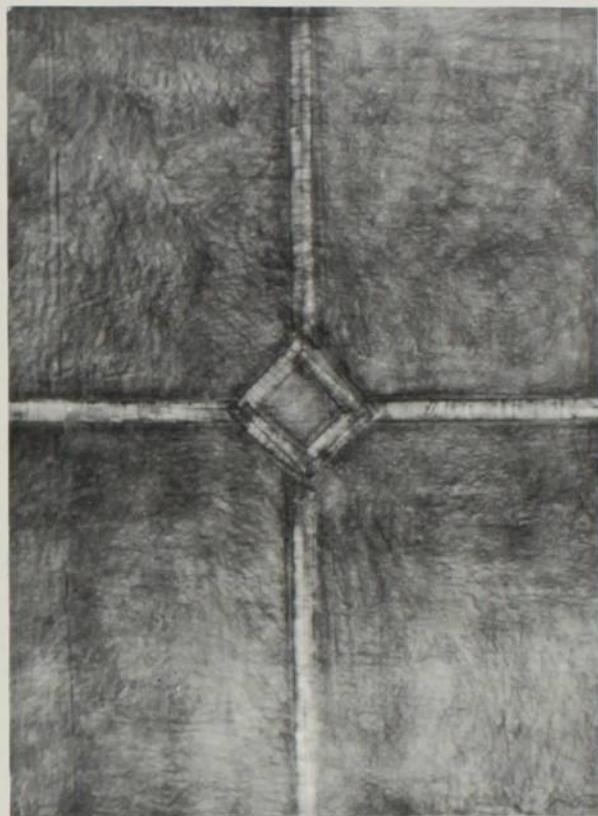
Paulo Portella Filho, São Paulo, SP  
grafite s/papel, 1983  
situação de AZ-AR nº 21 – coleção Roberta Fortunato



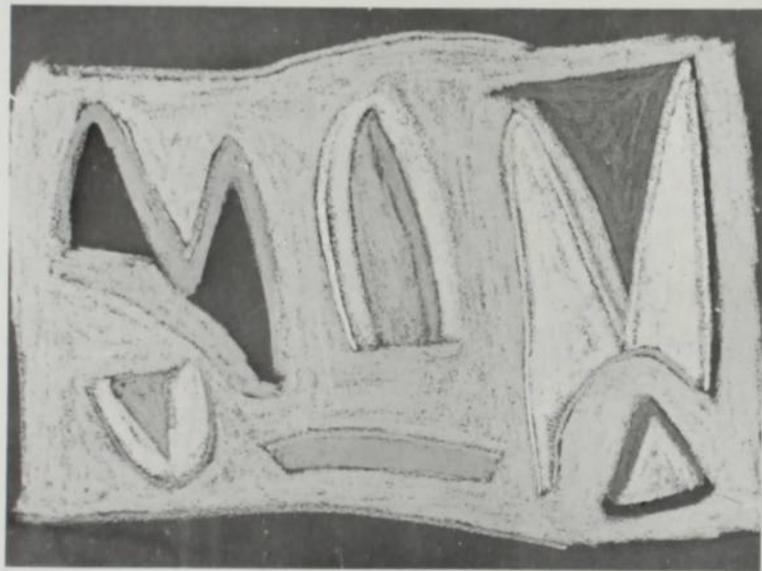
Newton Cavalcanti, Rio de Janeiro, RJ  
técnica mista s/papel, 1985



Nizete Sampaio, Rio de Janeiro, RJ  
nanquim s/papel, 1985



Orlando Castaño, Belo Horizonte, MG  
lápiz s/papel, 1984



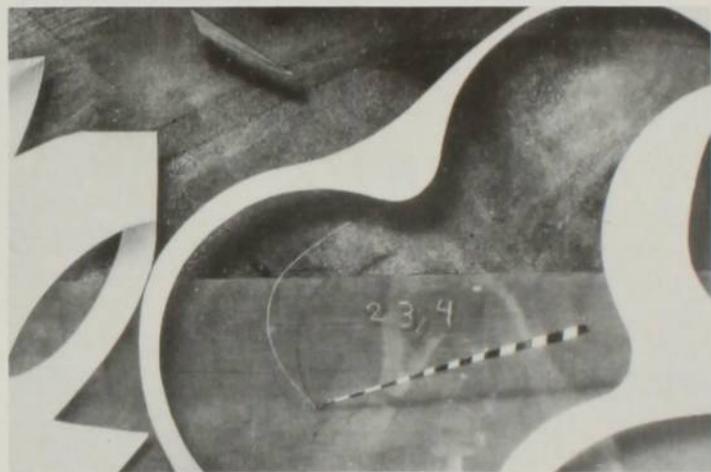
Patricia Leite, Belo Horizonte, MG  
pastel s/papel, 1985



Paulo Garcez, Rio de Janeiro, RJ  
detalhe de Velha Mania 30/7085  
lápis de cor s/papel século XVIII, 1984



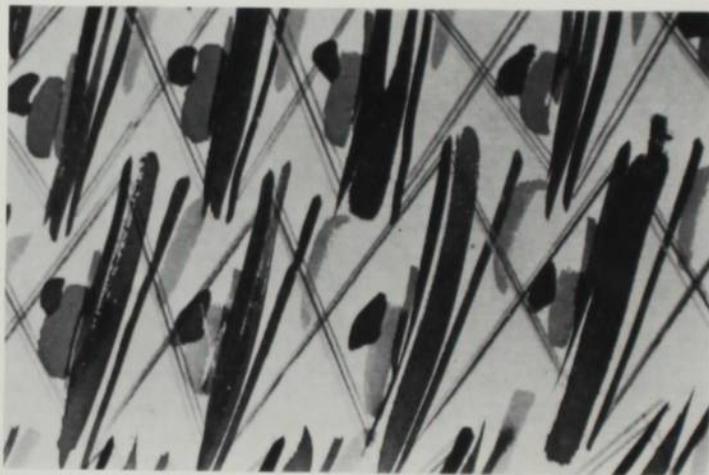
Paulo Houayek, Rio de Janeiro, RJ  
da série Treva divina — grafite em pó s/papel, 1985  
80 x 100cm



Paulo Laport, Rio de Janeiro, RJ  
técnica mista, 1985  
92 x 104cm



Ralph Gehre, Brasília, DF  
acrílico e lápis de cor s/papel, 1985  
70 x 100cm



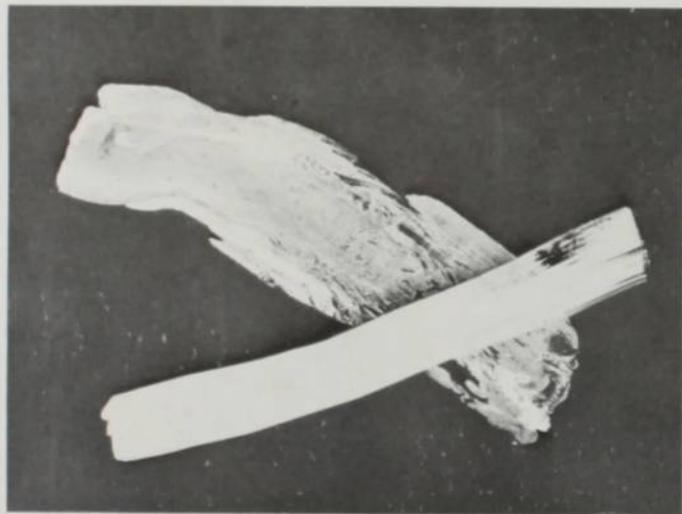
Raul Córdula, Recife, PE  
técnica mista s/papel, 1985



Roberto Magalhães, Rio de Janeiro, RJ  
Homem procurando emprego — nanquim s/papel, 1981



Roberto Tavares, Rio de Janeiro, RJ  
técnica mista, 1984

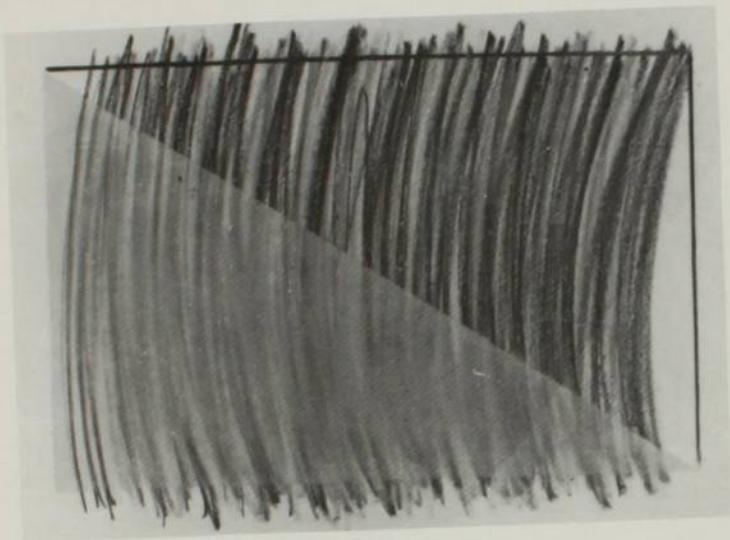


Rogério Cavalcanti, Rio de Janeiro, RJ  
técnica mista, 1985



foto Isabel Garcia

Ruth Freihof, Rio de Janeiro, RJ  
técnica mista, 1985  
27 x 110cm



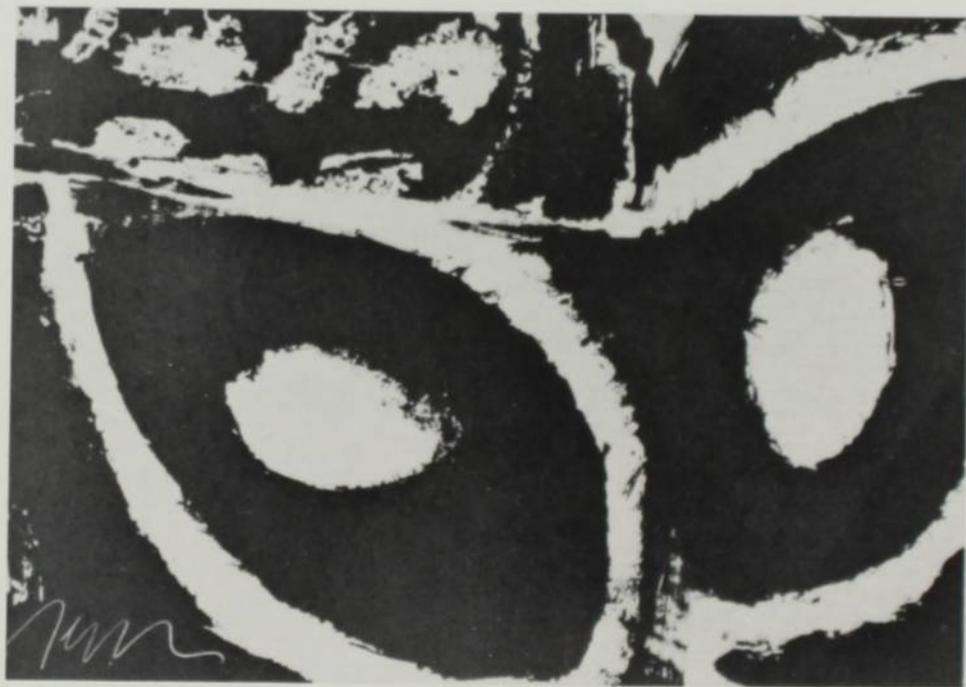
Rute Gusmão, Rio de Janeiro, 1984  
pastel à óleo s/papel, 1984  
60 x 70cm



Sergio Fingermañ, São Paulo, SP  
grafite s/papel, 1985  
50 x 70cm



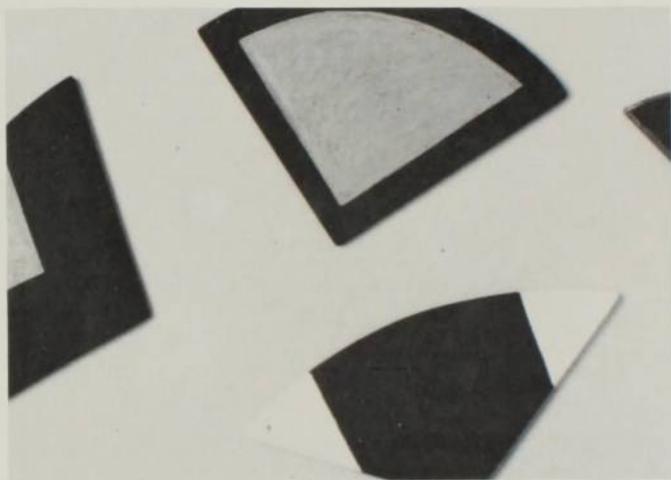
Sergio Niculitcheff, São Paulo, SP  
técnica mista, 1983



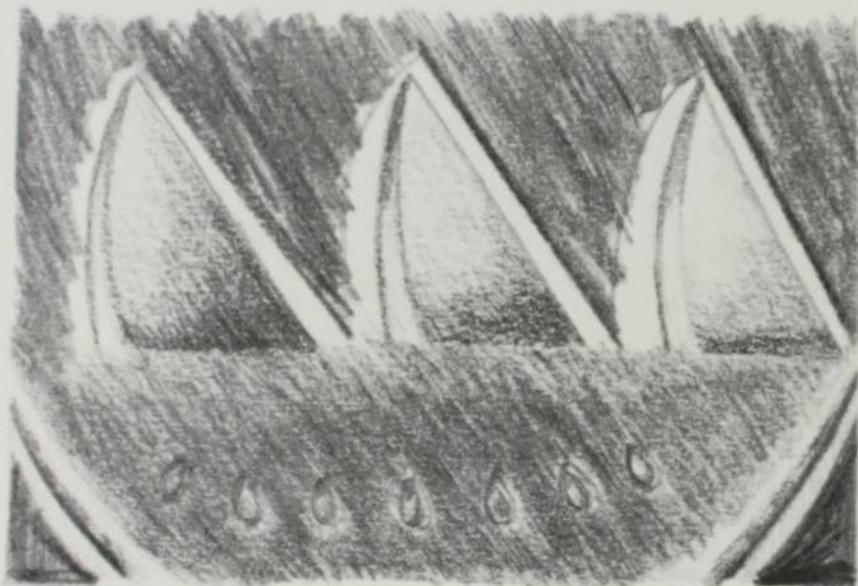
Sergio Rabinovitz, Salvador, BA  
técnica mista s/papel, 1981



Solange Magalhães, Rio de Janeiro, RJ  
aquarela s/papel, 1985  
50 x 70cm



Suzana Queiroga, Rio de Janeiro, RJ  
técnica mista, 1985



Valério Rodrigues, Rio de Janeiro, RJ  
grafite s/papel, 1985

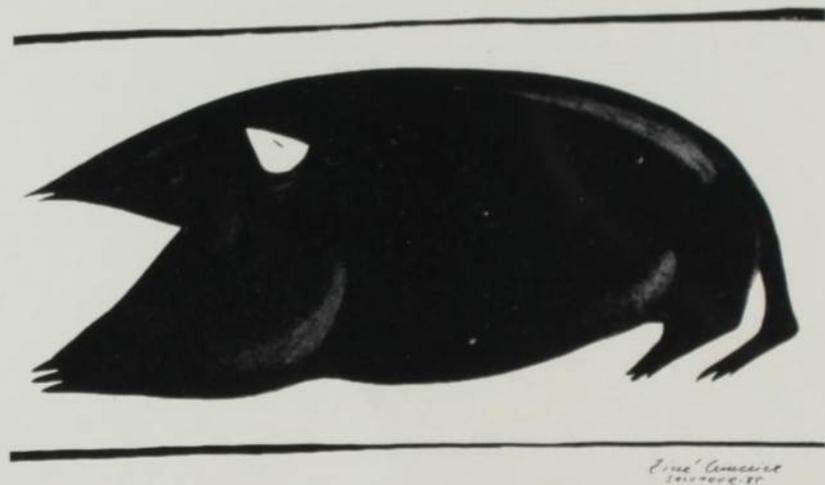


Vicente Kutka, São Paulo, SP  
técnica mista, 1985  
106 x 76cm





Wilma Martins, Rio de Janeiro, RJ  
nanquim e ecoline s/papel, 1982



Zivé Giudice, Salvador, BA  
guache s/papel, 1985

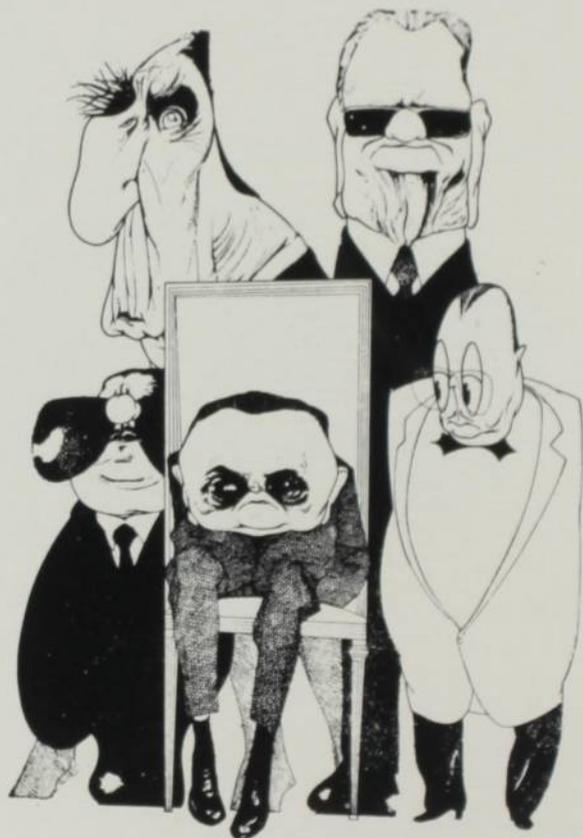
SALA DE HUMOR



Agner, Rio de Janeiro, RJ



Alcy, Rio de Janeiro, RJ



Cassio Loredano, Rio de Janeiro, RJ



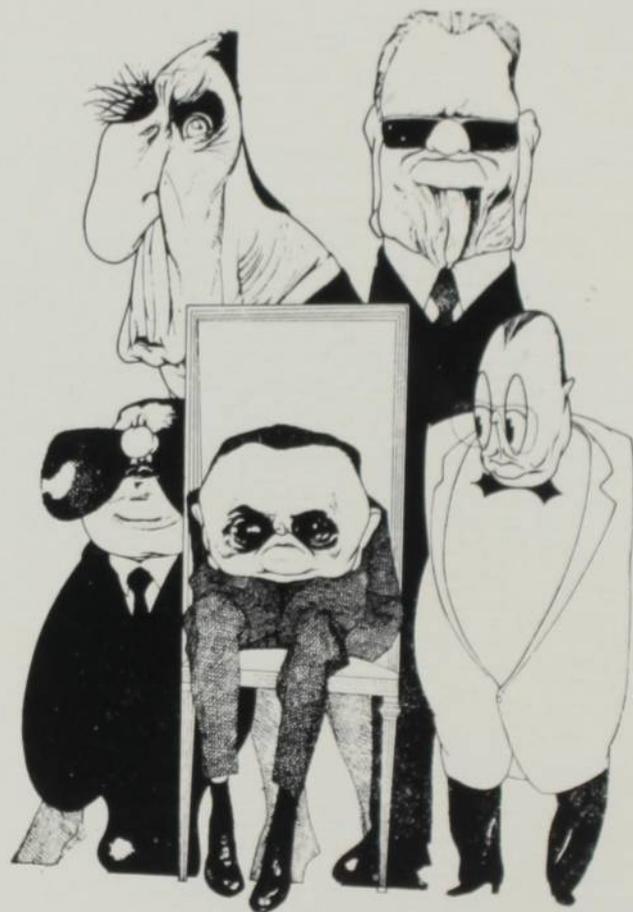
Chico Caruso, Rio de Janeiro, RJ



Hélió, Rio de Janeiro, RJ



Alcy, Rio de Janeiro, RJ



Cassio Loredano, Rio de Janeiro, RJ



Chico Caruso, Rio de Janeiro, RJ



Hélio, Rio de Janeiro, RJ

HENFIL

# Cerulhão

MAIS UNS DOIS  
GOLPES E VOU SER  
PROMOVIDO A  
IMPUNIDADE NÍVEL 6...



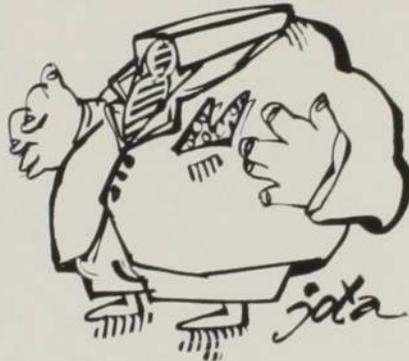
Henfil, Rio de Janeiro, RJ



Hubert, Rio de Janeiro, RJ

A verdade é que,  
após todos esses  
acontecimentos,  
me sinto meio  
deslocado...

~...~



Jota, São Paulo, SP



- CUANDO HABLES,  
¡LO DEVOLVO!

Laerte, São Paulo, SP

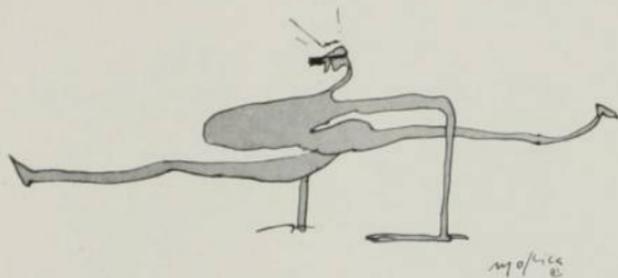


Luis Gê, São Paulo, SP



Millor Fernandes, Rio de Janeiro, RJ

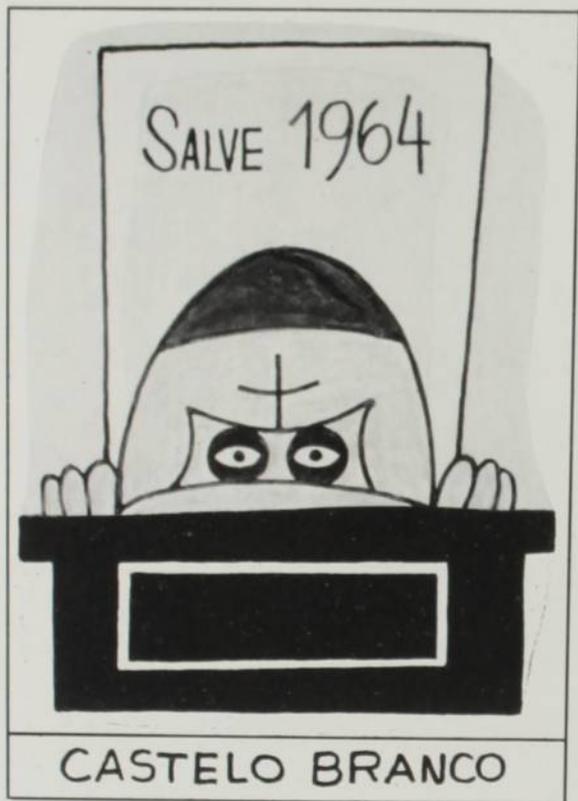
*pedestre se cessa quente... (e muito chateado)*



Mollica, Rio de Janeiro, RJ



Nani, Rio de Janeiro, RJ



Nássara, Rio de Janeiro, RJ



Paulo Caruso, São Paulo, SP



SALA CARLOS ZÉFIRO



Agradecimentos:

Instituto Nacional de Artes Plásticas/ Funarte  
Museu Nacional de Belas Artes  
Revista MÓDULO  
Galeria GB Arte  
Galeria Saramenha  
Paulo Estelita Herkenhoff  
Paulo Roberto Leal  
Eduardo Kac

e aos alunos de desenho da Escola de Artes  
Visuais que realizaram os estandartes para  
a exposição "Velha Mania":

Alexandre Soares Justo  
André Klein  
André Weller  
Ana Claudia Santana

Argentina Batista  
Andréa Cals  
Aguinaldo Caiado Coelho  
Ana Maria B.M.S.C.  
Amon  
Adriana Carvalho  
Ana Maria dos Santos  
Ana Lucia Passos  
Beatriz do Amaral  
Bandeira  
Claudio Iorio Freire  
Claudia Regina Martins Mendes  
Carlos Manuel Abraços  
Claudio Vinhais de Araujo  
Carla da Silveira  
Cristina Sá  
Catherine Schneider  
Cecilia Rizzini  
Claudia Cardelli  
Denise Faure  
Desirée  
Doris Xavier Flores  
Dea Junqueira Xavier  
Dulce Simas  
Edite Nascimento  
Fabio Cortez Reis  
Fabiano Xavier de Brito  
Ghislaine Hidalgo  
Guilherme de Campos  
Gualter Pupo  
Isabella Vieira da Silva  
Isabel Trinas de Amorim  
José Veras  
José Tucherman  
Ken Ebisawa  
Laura Maria de La Rocque  
Lourenço Mendes  
Luiz Barata

Luiz Carlos Gomes  
Ligia Ribeiro  
Linda Mc Gill  
Maria Adelaide Hosio  
Maria Lucia Teixeira de Souza  
Maria Teresa Marcondes  
Mario Vieira da Cunha  
Max Franco Mariz da Silva  
Maria Beatriz Coimbra Bueno  
Maria Maciel de Aquino  
Maria Elizabeth Barbosa  
Marta Antunes Maciel  
Marco André Manzolli  
Mariza Nicolay  
Margarida Maria Santos  
Marcia Jasmin  
Maria Celina Rondon  
Nilda Rocha Mendonça  
Oscar Innecco  
Paulo Ferenczi  
Piero Quiuano  
Patty Blackwell  
Patricia Scholl  
Ranusia dos Santos Barbosa  
Regina Campello  
Ricardo Chreem  
Roma Drummond Alvarenga  
Renata Fonseca de Mello  
Regina Fonseca  
Roberto Yamada  
Sonia Silveira  
Silvia Gaul  
Selma Leite Favario  
Sidney Herszage  
Silvia Leone Morais  
Teresa Cristina Rodrigues  
Teresa Maria Aragão  
Vinicius Wolff

Escola de Artes Visuais do Parque Lage  
Departamento de Cultura  
Secretaria de Ciência e Cultura / Funarj  
Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador do Estado do Rio de Janeiro  
Leonel de Moura Brizola  
Secretário de Ciência e Cultura  
Darcy Ribeiro  
Diretor do departamento de Cultura  
Italo Campofiorito  
Vice-presidente da Funarj  
Leonel Kaz  
Coordenador do departamento de Artes Visuais/ Funarj  
Adriano de Aquino  
Diretor da Escola de Artes Visuais  
Marcus de Lontra Costa  
Curadores da exposição "Velha Mania"  
Marcus de Lontra Costa, Sandra Mager e Solange Oliveira  
Montadores  
Carlos Telles de Menezes e José Balbino de Souza  
Projeto Gráfico  
Sandra Mager e Valério Rodrigues  
Fotolito  
Organizações Beni  
Impressão  
JB Indústrias Gráficas

Apoio Cultural



**NACIONAL**

O Banco que está a seu lado